

"Eu sabia que não podia dar certo porque o Fernando (Collor) não é de terminar nada"

Divaldo Suruagy



Pedro Vieira é apadrinhado do ex-casal Denilma e Geraldo Bulhões mas sua campanha enfrenta problemas

■ Continuação da 1ª página

Suruagy está eleito mas ainda caça votos

■ Favorito, com 80% nas pesquisas, o senador alagoano, tido como o "rei da conciliação", age como se a disputa fosse renhida

MACEIÓ — A certeza de Suruagy na vitória não se reflete no dia-a-dia de uma campanha de agenda apertada, como se a disputa fosse renhida. A explicação para o furor eleitoral que o faz percorrer num só dia 700 quilômetros de estradas em busca de apoio, ele mesmo dá: "Adoro fazer campanha. É como dizia Ulysses Guimarães: a gente come e bebe de graça, é paparicado e ainda é chamado de estadista".

Pois era a exata impressão que dava ao forasteiro a cena protagonizada por Suruagy e 500 prefeitos, vereadores, deputados, candidatos, cabos eleitorais, funcionários públicos ou simples admiradores, na quinta-feira passada no aeroporto de Maceió. Parecia que estava chegando ali uma autoridade constituída. Um governador talvez. Mas era apenas o senador que voltava de dois dias de viagem a Brasília, onde esteve para participar do esforço concentrado do Congresso. Suruagy levou 50 minutos para atravessar os 10 metros que separam a sala de desembarque do local onde estava estacionado seu carro.

Fora as pesquisas, que retratam o apoio popular, Suruagy conseguiu reunir quase que todas as forças políticas do estado. Dos 100 prefeitos, tem o apoio declarado de 92. Exatamente o índice, 92%, de intenção de votos que recebeu numa pesquisa realizada entre os funcionários da Polícia Civil.

Rei da conciliação — Há cidades onde todas as correntes políticas estão com ele. Coruripe, por exemplo, tem cinco. Anadia, quatro. E nessas duas cidades, suas visitas são um verdadeiro exercício de conciliação: um café na casa do prefeito, almoço com o líder da oposição, um uisquinho rápido junto ao líder comunitário mais importante, café com bolinhos na casa de outro e um prolongado jantar com o chefe da corrente contrária a todos eles.

"Suruagy é o rei da conciliação, é o candidato-vaselina", diz seu amigo há 35 anos, Nilton Oliveira. O que o amigo afirma, pode se escrever. Está registrado, aliás, na ata da convenção que aprovou uma coligação que junta PTB com PC do B, PMDB (partido de Suruagy) com PSDB. O PFL está na corrente contrária, mas como é o partido de seu amigo do peito Guilherme Palmeira, não é difícil imaginar como não está sendo nada fácil a vida de do adversário Pedro Vieira com seus coligados pefelistas.

O candidato a deputado federal Benedito de Lira, por exemplo, impôs como condição para gravar o horário gratuito na produtora que presta serviço a Pedro Vieira pedir votos para Suruagy. Claro que não foi atendido, mas obteve seu direito de ir ao ar na Justiça. E a história da dança partidária nessa eleição em Alagoas bate no próprio Suruagy.

Pragmático, não diz que votará em Orestes Quércia, mas também

não nega que ficará com Fernando Henrique desde já. Quinta-feira estava às voltas com um problema colossal: Quércia e Fernando Henrique estavam de viagem marcada a Alagoas no dia 23. Seus aliados juram que, neste dia, Suruagy é capaz de ter um compromisso longe, bem longe dessa confusão.

Mas se engana quem conclui que a tendência à conciliação faz Su-

ruagy fugir de uma boa contenda. Ficou no limbo da política nacional durante oito anos, de 1986 a 94, por conta de uma briga fenomenal com Fernando Collor. Foi um dos únicos alagoanos a resistir à adesão. Manteve-se na oposição, fazia discursos e mais discursos no Senado antecipando que aquele governo não ia acabar bem e, hoje, colhe os frutos desta posição.

"Eu sabia que não podia dar certo porque o Fernando não é de terminar nada", diz com autoridade de quem patrocinou a entrada do filho do senador Arnon de Melo na política. Uma vez, pelo menos, Suruagy salvou Collor de grande enrascada. Em 79, o então prefeito de Maceió andava aprontando na cidade, desfilando com prostitutas para horror da socieda-

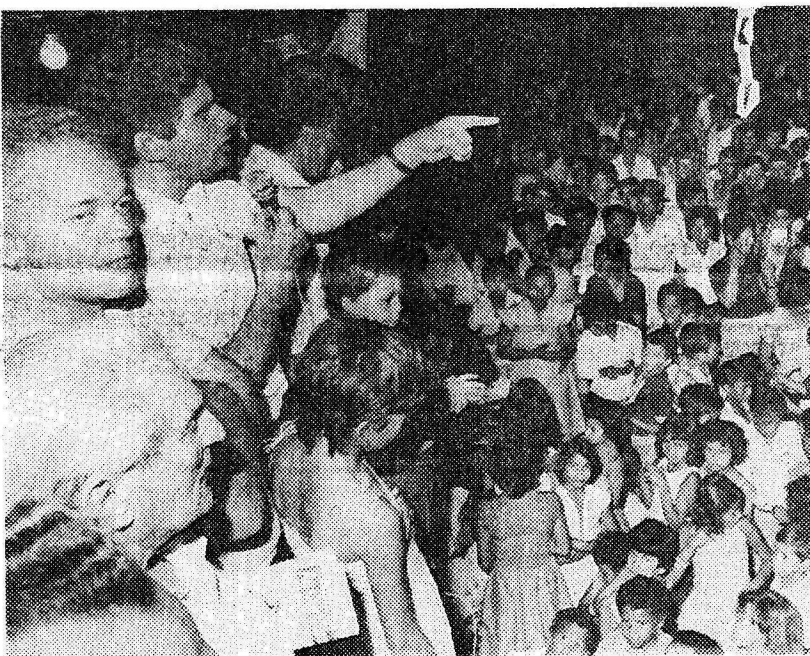
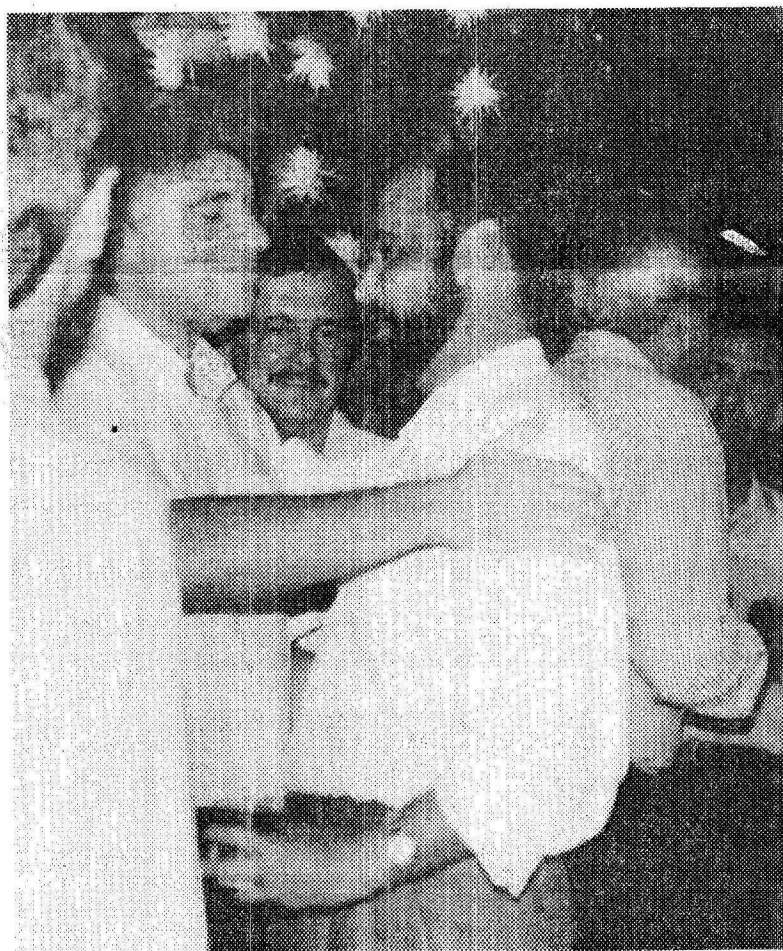
de. Guilherme Palmeira, então governador, queria demitir o prefeito nomeado e Suruagy o impediu.

Mas, quando Collor resolveu, em 84, apoiar Maluf, e não Tancredo, a relação esfriou para desandar de vez quando Collor derrotou Guilherme Palmeira, seu antigo benfeitor, na eleição para o governo de Alagoas em 86.



Fotos de Arquivo

MACEIÓ-Jamil Bittar



□ O senador Divaldo Suruagy (acima) é o candidato a governador que tem o maior percentual (80%) nas pesquisas de intenção de votos em todo o país. Em Alagoas, ele é tido como o rei da conciliação e consegue se relacionar tanto com ex-integrantes da corte de Fernando Collor — como o deputado Augusto Farias (embaixo à esquerda), irmão de PC — quanto com o senador Guilherme Palmeira (embaixo à direita), inimigo do ex-presidente

Com Pedro, o anti-Collor

Nesta eleição, queira ou não queira, Suruagy é a personificação do anti-Collor. Ele não fala mal do ex-presidente — "Não dá votos", diz — mas tem consciência de que representa a volta a uma época em que Alagoas era pobre, mas vergonha não passava. Hoje, como figura emblemática, leva sempre a seu lado o candidato a deputado estadual Pedro Collor, o irmão que denunciou o presidente e tem uma imagem antônima à dele.

Além da revolta alagoana contra quem lhe trouxe má fama, Suruagy atribui seu sucesso a outros dois fatores: o fracasso retumbante do governo Geraldo Bulhões — os médicos estão em greve desde janeiro, não há um só posto estadual de saúde funcionando e os alunos da rede pública não conseguem concluir o ano letivo há dois anos — e seus dois governos anteriores.

Nomeado por Ernesto Geisel em 74, Suruagy governou Alagoas até 78; depois, foi eleito em 82. Nesse período orgulha-se de ter pavimentado 720 quilômetros de estradas e construído 2.028 salas de aulas. Foi também, e não nega, um grande empregador no estado. É recordista na promoção de concursos públicos e admite que estimulou contratações, principalmente de funcionários de salários baixos, como merendeiras.

Humildes e graduados

— A tese é simples: o funcionário humilde fica eternamente grato de ter um emprego que lhe garanta a sobrevivência todo mês. Já o graduado é um inimigo certo em pouco tempo. "Em três meses acha que ganha pouco e fica logo com raiva de quem lhe deu aquele emprego".

E ódio é coisa que Divaldo Suruagy não cultiva. Faz uma ginástica danada, mas não deixa transparecer qualquer sensação que possa magoar o eleitor. Um exemplo aconteceu na praia de Pajussara, em Maceió, há quatro dias, quando Suruagy abordado por uma menina de seus 17 anos:

— Olá, meu governador, você não telefona, parece que nem lembra mais da gente...

Sem a menor ideia de quem se tratava, Suruagy fez hora, espiou o próximo lance. Até que a menina ofereceu a salvação:

— Nem parece quem tem afilhada...

— É que você cresceu muito, está bonita e quase não te reconheci.

E não reconheceu mesmo. Mas explicou: "Se ela está dizendo que é minha afilhada, conheci pequena e, como não encontrei, só podia ter crescido".

(Dora Kramer)

DORA KRAMER

MACEIÓ — Alagoas é, de fato, um lugar muito peculiar. De lá saiu o homem que proclamou a República no Brasil. Foi de lá também que surgiu o furacão que terminou sendo o primeiro presidente a sofrer processo de impeachment no país. E, agora, vem de lá novo fenômeno: Divaldo Suruagy, o campeão das pesquisas para governador, com 80% da preferência do eleitorado. Seu adversário, Pedro Vieira, amarga raquiticos 3%, mas ainda reúne

forças para prometer: "Vamos reverter esse quadro."

Às vésperas de ocupar pela terceira vez o Palácio dos Martírios, Suruagy faz uma rara concessão ao próprio ego: "Nunca perdi eleição, mas esta é a mais fácil que já enfrentei." A convicção combina também com a reação das pessoas à passagem do senador pelas ruas de Maceió, Branquinha ou União dos Palmares. É saudado como governador aonde vai e recebido como a grande esperança do alagoano, envergonhado pelos vexames de contrários poderosos. (Continua na pag. 8)